



RELATÓRIO DO WORKSHOP

# INCLUSÃO DIGITAL COMO CAMINHO PARA EMANCIPAÇÃO DAS JUVENTUDES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE

SALVADOR – 27 DE MAIO DE 2025 (09:00 – 10:30)

PROPONENTE

**AFROYA**  
TECH HUB

ORGANIZAÇÃO

**F15**



## QUEM SOMOS

Do desejo e da necessidade de criar novas narrativas sobre pessoas pretas, tecnologia e inovação, nasce o Afroya Tech Hub.

Somos um espaço afrofuturista de autonomia criativa, para desenvolvimento de projetos colaborativos que promovam, incentivem, fomentem e apoiem a inserção e o pertencimento de pessoas negras no ecossistema de tecnologia & inovação.

Damos suporte e promovemos a conexão entre as companhias e a Comunidade Negra, através dos nossos projetos e iniciativas.

## FUNDADORA E CEO

Andreza Rocha



**MODERADOR**



# **LUIZ ALFREDIANO**

**LFA CONSULTORIA E LAWGORITHM**

Luiz Fernando Alfredoiano é Educador Popular em governança da Internet (MEI). Youth Brasil pelo Comitê Gestor da Internet (CGI.br), selecionado para representar as juventudes brasileiras no Internet Governance Forum (IGF) de 2024 na Arábia Saudita. Pós-graduado em Direito Público. Pós-graduando em Direito Digital (Instituto de Tecnologia e Sociedade e Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Pesquisador (Pós-graduação) e Assistente de Diretoria na Associação Lawgorithm de Pesquisa em Inteligência Artificial.



## PALESTRANTE



# ANDREZA ROCHA

**AFROYA TECH HUB**

Andreza Alves Rocha é fundadora e Diretora Executiva do AfrOya Tech Hub, Consultora de Tecnologia e Produtos Digitais, entusiasta pela diversidade, equidade e inclusão de raça e gênero no ecossistema de TI e Inovação. Pesquisadora dos impactos da inteligência artificial na empregabilidade e no futuro do trabalho, Professora na FIAP, palestrante e mentora. Eleita uma das 100 personalidades negras mais influentes da Lusofonia pela Bantumen Powerlist, LinkedIn Top Voice em Inteligência Artificial e uma das 100 Brilliant Women in AI Ethics pela LightHouse.



## PALESTRANTE



# WILSON GUILHERME

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Wilson Guilherme Dias Pereira é mestra em Direitos Humanos e Desenvolvimento da Justiça, pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR; Graduado em Direito pela Faculdade Interamericana de Porto Velho; Diretora e Fundadora do Centro de Pesquisa e Ativismo de Rondônia sobre Tecnologia, Estado e Sociobiodiversidade (C-PARTES); Pesquisadore Bolsista do Instituto de Referência em Internet e Sociedade – IRIS, Alumni da EGI.



## PALESTRANTE



# EDWIN WAPICHANA

MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS

Edwin Andrey Araújo da Silva é Secretário de Comunicação e Juventude Indígena do Ministério dos Povos Indígenas (MPI). Membro da União da Juventude Socialista (UJS), a maior organização Juventude da América Latina. Diretor de escolas indígenas pela União Brasileira dos Estudantes (UBS) e diretor de cultura e arte do Acampamento Terra Livre (ATL).

## PALESTRANTE



# LUCAS SAMUEL

**INICIATIVA NORDESTE RURAL CONECTADO (INERUC)**

Lucas Samuel da Silva é graduado em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba com Pós-Graduação em Gestão da Inovação, Tecnologia e Empreendedorismo pelo Centro Universitário União das Américas Descomplica. Possui diplomatura em Governança da Internet (Uruguai); foi Fellowship Youth Brasil no Japão (ONU-IGF, 2023); foi Leader Global na Costa Rica pela DCN Global entre outros países. É integrante da Iniciativa Nordeste Rural Conectado (INERUC) e atua no Governo do Estado da Paraíba.



**RELATORA**

---



## **LEUZIENE LOPES**

**CENTRO DE PESQUISA E ATIVISMO DE RONDÔNIA SOBRE TECNOLOGIA,  
ESTADO E SOCIOBIODIVERSIDADE**

Leuziene Lopes é jornalista socioambiental independente na Amazônia. Atua como assessora de comunicação para o terceiro setor, pesquisadora em comunicação e cultura local, tecnologia e acesso à informação, além de educadora social em comunicação comunitária. É Agente Territorial de Cultura em um projeto desenvolvido pelo Ministério da Cultura em parceria com institutos federais e integrante do grupo de pesquisadoras do Centro de Pesquisa e Ativismo de Rondônia, que investiga temas como tecnologia, Estado e sociobiodiversidade.





## INCLUSÃO DIGITAL COMO CAMINHO PARA A EMANCIPAÇÃO DAS JUVENTUDES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE



[ACESSE AQUI A GRAVAÇÃO DO PAINEL](#)

### RESUMO

O acesso à internet e às novas tecnologias tem transformado as formas de comunicação e de participação social. No entanto, essa transformação ainda não alcança todas as juventudes. Barreiras como desigualdade financeira, ausência de infraestrutura e falta de letramento digital mantêm muitas juventudes desconectadas, especialmente aquelas negras, LGBTQIAPN+, indígenas, rurais e em situação de vulnerabilidade social. Este workshop teve como objetivo discutir caminhos para uma conectividade significativa, que considere





as realidades territoriais e os desafios enfrentados por essas juventudes. A proposta foi refletir, com elas e a partir delas, que internet queremos construir. A inclusão digital, nesse contexto, é compreendida como um instrumento de emancipação, protagonismo e justiça social. O painel se relaciona com os temas: DINC – Grupos excluídos e minoritários; DINC – Inclusão digital e IACO – Acesso e conectividade.

## **ESTRUTURAÇÃO DO WORKSHOP**

A dinâmica do workshop foi organizada em três rodadas, sendo as duas primeiras iniciadas com explanações dos painelistas sobre o tema, cada uma acompanhada por perguntas orientadoras e seguida por um bloco de perguntas do público. A participação do público remoto foi estimulada por meio da plataforma Mentimeter, utilizada como meio de coleta de perguntas e contribuições ao longo de todos os 3 blocos do painel. Ao final, foram destinados 15 minutos para perguntas e respostas da plateia, tanto remota (via canal de transmissão no YouTube ou Mentimeter) quanto presencial, e 5 minutos para considerações finais e agradecimentos.

## **OBJETIVOS PROPOSTOS E ATINGIDOS**

1. Debater de forma holística a conectividade significativa conciliando fatores que incluem acesso aos aparelhos tecnológicos, apropriação digital, inclusão econômica de acesso, dentre outros elementos, interseccionais que entrecruzam marcadores da diferença, como faixa etária





- (juventudes), raça, gênero, sexualidade, contexto territorial, e de privação de direitos;
2. Identificar os impactos da exclusão digital nas vivências das juventudes, em especial quando se consideram os marcadores da diferença;
  3. Discutir a relação entre conectividade significativa, inclusão digital e a emancipação das juventudes em situação de vulnerabilidades;
  4. Apresentar estratégias, desafios e práticas de agenciamento coletivo e individual multissetoriais que possam servir de modelo para políticas públicas e sociais sobre o tema.

## **RESULTADOS PROPOSTOS E ATINGIDOS**

1. Aprofundar os debates sobre conectividade significativa com um enfoque nas juventudes vulnerabilizadas.
2. Mapear consensos para a criação de uma agenda comum sobre qual é a agenda de conectividade significativa do Brasil.
3. Mapear quais estratégias podem ser utilizadas para a implementação da agenda mencionada no item 2.
4. Sistematização das discussões do painel em forma de uma carta, "A carta das juventudes pela Conectividade Significativa" que apresentará uma série de ações e compromissos a serem adotados para alcançar a inclusão e emancipação de juventudes vulnerabilizadas. Referido documento é a íntegra do presente relatório.





## SÍNTESE DOS DEBATES

O moderador Luiz Fernando Alfrediano iniciou o workshop agradecendo a todas as pessoas que acompanhavam o painel, tanto presencialmente quanto online. Em seguida, realizou sua audiodescrição, parabenizou o Fórum da Internet no Brasil (FIB) pelos seus 30 anos de atuação em defesa de uma internet segura e inclusiva.

Na sequência, pontuou os principais temas que seriam abordados no painel, contextualizando o debate em torno da inclusão digital como uma ferramenta de emancipação para as juventudes vulnerabilizadas. Encerrou sua fala inicial apresentando o documentário *TecnoAncestral* ([acesse o vídeo aqui](#)), obra produzida pelo Centro de Pesquisa e Ativismo de Rondônia sobre Tecnologia, Estado e Sociobiodiversidade (C-PARTES).

Após a exibição do documentário, Luiz Fernando Alfrediano ressaltou que a obra audiovisual expressa, de forma profunda e sensível, a proposta do painel, ao apresentar a relação entre juventudes, ancestralidade e tecnologia a partir de uma perspectiva territorializada. Destacou ainda que refletir sobre a tecnologia com base nas vivências e realidades das juventudes é fundamental para a construção de uma internet que coloque as pessoas no centro e promova justiça digital.

Concluídas as ponderações iniciais, o moderador passou a palavra para a primeira painelista.





## EXPOSIÇÃO DE WILSON GUILHERME PEREIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR)

**Pergunta disparadora:** *Quais os principais desafios para a inclusão digital das juventudes, e como marcadores como raça, território e gênero influenciam nesse cenário?*

Wilson Guilherme iniciou sua fala com a audiodescrição, realizou os agradecimentos iniciais e, em seguida, passou à explanação sobre o tema. Ao iniciar sua contribuição, o pesquisador destacou e defendeu a educação como instrumento de emancipação, especialmente para as juventudes.

Apresentando uma perspectiva regional sobre a relação com a tecnologia, o painalista destacou o uso do termo “fuçar”, comum em sua região, para expressar a ação de explorar algo desconhecido até compreender seu funcionamento. Segundo ele, essa atitude de “fuçar” revela a importância de que dispositivos e sistemas tecnológicos sejam projetados de forma acessível, permitindo que todas as pessoas, independentemente de sua formação, possam explorá-los, compreendê-los e se apropriar deles.

Dessa forma, enfatizou a importância de promover a educação digital não apenas em espaços formais de ensino, mas também por meio da educação popular, desenvolvida por movimentos sociais, coletivos e organizações da sociedade civil. Essa abordagem é essencial para apoiar o desenvolvimento de habilidades digitais em diferentes contextos e realidades.





A painelistas também destacou a infraestrutura como fator central no debate. Ressaltou que o acesso pleno à tecnologia exige condições mínimas, como a disponibilidade de equipamentos, acesso à internet de qualidade (banda larga), energia elétrica e viabilidade financeira. Como exemplo, citou as juventudes ribeirinhas com as quais o C-PARTES atua, que enfrentam sérias dificuldades de acesso à energia elétrica, mesmo vivendo em regiões produtoras de energia. Isso evidencia a desconexão entre a produção e o acesso.

Além disso, argumentou que não se pode discutir conectividade apenas do ponto de vista técnico, sem considerar as condições básicas que viabilizam o uso de dispositivos tecnológicos. Defendeu, portanto, o conceito de *conectividade significativa*, que envolve não apenas o acesso físico à tecnologia, mas também a capacidade de utilizá-la com segurança, autonomia e propósito emancipador.

Por fim, apontou que os dois principais desafios enfrentados por juventudes ribeirinhas, negras, LGBTQIAPN+ e outras populações periféricas são:

1. Falta de literacia ou educação midiática;
2. Ausência de infraestrutura básica para garantir a conectividade.

A combinação desses fatores coloca esses grupos em uma situação de subalternidade tecnológica, que reflete e aprofunda as desigualdades já presentes no chamado “mundo real”, cuja separação do mundo digital é cada vez mais tênue.





## EXPOSIÇÃO DE ANDREZA ROCHA (SETOR EMPRESARIAL – AFROYA TECH HUB)

**Pergunta disparadora:** *Quais os principais desafios para a inclusão digital das juventudes, e como marcadores como raça, território e gênero influenciam nesse cenário?*

Andreza Rocha iniciou sua participação com a audiodescrição, cumprimentou os presentes e apresentou o AfrOya Tech Hub, uma plataforma de inovação voltada para conectar, engajar e acelerar lideranças negras no ecossistema de tecnologia. Destacou a importância de deixar de ser apenas consumidores e passar a ocupar posições de protagonismo no desenvolvimento tecnológico.

Com mais de 20 anos de experiência na área, a painelistas apontou duas grandes discrepâncias:

1. As altas exigências do mercado corporativo, especialmente com o avanço da inteligência artificial;
2. A falta de condições de acesso e formação da população jovem e vulnerabilizada, marcada por evasão escolar, dificuldades em disciplinas técnicas e ausência de infraestrutura.

Andreza ressaltou que apenas 30 mil pessoas se formam anualmente em programação no Brasil, enquanto o mercado exige aproximadamente 70 mil. Destas, 80% são homens, o que evidenciam os gaps de gênero, raça e formação técnica.





Criticou soluções imediatistas e tecnossolucionistas, como cursos de programação que exigem conexão à internet, o que pode excluir justamente quem mais precisa dessas oportunidades. Enfatizou que o acesso passa não apenas por infraestrutura, mas também por estratégias de inclusão real e sustentável.

Por fim, defendeu o desenvolvimento de talentos com foco na autonomia territorial, geração de renda e criação de soluções locais, reforçando seu compromisso com uma transformação inclusiva no ecossistema tecnológico.

### **PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO PELO MENTIMETER**



**EXPOSIÇÃO DE EDWIN ANDREY ARAUJO DA SILVA (SETOR GOVERNAMENTAL – MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS)**





**Pergunta disparadora:** *Como a conectividade significativa pode promover a inclusão e a emancipação de juventudes vulnerabilizadas?*

Edwin Andrey Wapichana iniciou sua participação com audiodescrição e, em seguida, apresentou suas considerações sobre a pergunta disparadora.

Em sua fala, destacou que a comunicação é também um território, representando garantia de vida, cultura e existência para a juventude indígena. Enfatizou o posicionamento da ministra Sônia Guajajara, que reforça a necessidade de conectar os territórios indígenas para além do simples acesso à internet, propondo o fortalecimento das redes de cuidado, proteção e transmissão dos saberes tecnológicos ancestrais. Ressaltou que é fundamental refletir não apenas sobre a chegada da internet nos territórios, mas também sobre o modo de utilizá-la, respeitando as tradições culturais indígenas.

O jovem indígena pontuou a urgência na busca pela emancipação da juventude indígena vulnerabilizada, ressaltando que jovens indígenas lutam diariamente para assegurar acesso à internet em territórios remotos, seja na floresta amazônica ou no Lavrado, região do Nordeste brasileiro.

O acesso à internet foi apresentado como ferramenta essencial para a comunicação das lideranças indígenas. Durante o período da pandemia, a conectividade permitiu que jovens indígenas continuassem a dialogar e denunciar situações em seus territórios,





como a invasão de garimpos ilegais e a propagação de doenças, exemplificado pela atuação em Roraima.

Edwin Andrey frisou que comunicar um território indígena exige conhecer as especificidades locais e dialogar com as lideranças. Destacou que a comunicação vai além da simples gestão do acesso à internet; deve ser praticada com ancestralidade, proximidade humana e respeito aos territórios. Citou que jovens indígenas utilizam dispositivos digitais como instrumentos de resistência e luta, comparando-os a arcos e flechas na defesa dos seus territórios.

Por fim, afirmou que a inclusão digital deve ser entendida como mais do que acesso à internet, configurando-se como emancipação dos territórios indígenas, destacando duas observações centrais:

1. A internet é utilizada como ferramenta fundamental para denunciar invasões e vulnerabilidades enfrentadas pelas comunidades indígenas;
2. É necessário apoiar a juventude indígena para poderem se comunicar, dialogar e conquistar sua emancipação, evitando a invisibilização social e política desses povos.

### **EXPOSIÇÃO DE LUCAS SAMUEL (SOCIEDADE CIVIL – INERUC)**

**Pergunta disparadora:** *Como a conectividade significativa pode promover a inclusão e a emancipação de juventudes vulnerabilizadas?*





Lucas Samuel iniciou sua participação cumprimentando o público presente e os(as) participantes que acompanhavam o evento remotamente, pelo canal do YouTube. Em seguida, realizou sua audiodescrição e iniciou sua exposição.

O painalista compartilhou sua trajetória de vida em um território rural na Paraíba, evidenciando as dificuldades enfrentadas para acessar a internet durante a infância e adolescência. Segundo ele, o acesso pleno e constante à internet só se concretizou aos 18 anos, com sua entrada na universidade. Essa realidade, marcada pela ausência de infraestrutura digital e de políticas públicas, comprometeu seu desenvolvimento pessoal e profissional, especialmente quando comparada às oportunidades de jovens das classes mais favorecidas, que tiveram contato com a internet desde a infância.

Com base nessa experiência, Lucas relatou a criação da Iniciativa Nordeste Rural Conectado, desenvolvida junto a outros jovens oriundos de comunidades rurais, com o propósito de superar a exclusão digital e promover uma conectividade significativa. A iniciativa atua principalmente em comunidades rurais dos estados de Pernambuco e Paraíba, com foco em escolas públicas. As ações incluem a realização de palestras, oficinas e formações com crianças, adolescentes e professores, incentivando o uso da internet como instrumento de valorização da cultura local e fortalecimento da identidade territorial.

Outro eixo importante da iniciativa é o letramento digital com base na educação midiática. Lucas apresentou dados de uma pesquisa





realizada em 2020, com apoio do programa Latin American Leadership Academy, que apontou que 77% das pessoas entrevistadas em sua comunidade associavam o uso da internet exclusivamente ao WhatsApp. Além disso, 70% tinham apenas o ensino fundamental, o que evidencia a carência de formação crítica e técnica para o uso qualificado da internet.

Diante desse cenário, a Iniciativa Nordeste Rural Conectado tem priorizado ações que vão além da mera oferta de acesso técnico (wi-fi ou dados móveis), promovendo o uso crítico das tecnologias como ferramenta de expressão, defesa do território e emancipação das juventudes.

Foram destacadas as seguintes propostas a partir da fala do painalista:

1. Desenvolver políticas públicas de conectividade baseadas nas realidades dos territórios rurais, garantindo acesso pleno à internet como direito e condição básica para o desenvolvimento das juventudes;
2. Fomentar programas de letramento digital e educação midiática voltados a população de baixa escolaridade, com foco na apropriação crítica das tecnologias para a valorização da cultura local e fortalecimento da cidadania.

Lucas finalizou sua fala reforçando que a conectividade significativa é um caminho estratégico e urgente para a inclusão digital e a





transformação das realidades vividas por juventudes em situação de vulnerabilidade.

## PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO PELO MENTIMETER

Mentimeter

👉 Como a conectividade significativa pode promover a inclusão e a emancipação de juventudes vulnerabilizadas?

Através de redes de informação. Com comunicação clara, acessível, com propostas que interessem às juventudes e que expliquem a importância dessa luta para elas.

Está também é a minha inquietação. Penso que podemos fazer isso através de parcerias com instituições de ensino.

Manter e dar voz a diferentes culturas que são naturalmente silenciadas

Todos os pilares da conectividade significativa - infraestrutura, qualidade do serviço, preço, segurança e habilidades digitais - quando investidos e aprimorados irão trazer essa inclusão e emancipação

Indo ao encontro de Jovens em instituições de ressocialização para que eles saibam que há outros caminhos.

A ocupação das mídias sociais e da Internet potencializa a disseminação da informação contra-hegemônica e a mobilização pela luta dos povos, além de conexão com outros movimentos.

Prestando acesso a ferramentas e softwares que garantam funcionalidades capaz de mudar suas realidades.





<b>TIPO DE MANIFESTAÇÃO</b>	<b>CONTEÚDO</b>	<b>CONSENSO OU DISSENSO</b>
Posicionamento (Wilson Guilherme)	É fundamental abordarmos a educação a partir de uma perspectiva que rompa de vez com o mito dos nativos digitais.	Consenso
Posicionamento (Andreza Rocha)	As empresas impõem altos padrões de experiência, mas não oferecem contrapartidas que garantam o acesso ou considerem os motivos pelos quais muitas pessoas não conseguem atingir esse nível de exigência.	Consenso
Proposta (Wilson Guilherme)	É preciso construir uma educação popular voltada ao letramento digital que faça sentido para as comunidades, respeitando seus contextos, saberes e formas de se relacionar com a tecnologia e ancestralidade.	Consenso
Proposta (Lucas Samuel)	Promover o acesso ao letramento digital para jovens de comunidades rurais, fortalecendo suas capacidades técnicas, comunicativas e críticas no uso das tecnologias.	Consenso
Proposta (Andreza Rocha)	O financiamento é essencial, assim como o compartilhamento de infraestrutura e o incentivo à criação de hubs comunitários, onde os próprios territórios definem o que querem	Consenso





	<p>aprender e quais são suas demandas. Também é fundamental uma participação mais ativa da iniciativa privada no Plano Nacional de Difusão Digital.</p>	
Proposta (Edwin Andrey Wapichana)	<p>O plano de Comunicação da Juventude Indígena tem como objetivo fortalecer a comunicação comunitária e promover o acesso às tecnologias digitais nos territórios, oferecendo caminhos aos jovens para que possam se conectar de forma segura, autônoma e alinhada às suas realidades culturais.</p>	Consenso
Posicionamento (Andreza Rocha)	<p>Garantir que jovens de territórios periféricos e tradicionais não apenas tenham acesso às ferramentas digitais, mas também possam se apropriar delas para expressar sua cultura, fortalecer suas narrativas e defender seus territórios.</p>	Consenso
Posicionamento (Edwin Andrey Wapichana)	<p>Conectar um território vai além de apenas instalar internet. É sobre fortalecer redes de cuidado, proteção e transmissão de saberes, incluindo os conhecimentos tecnológicos ancestrais.</p>	Consenso
Posicionamento (Edwin Andrey Wapichana)	<p>Transformamos celulares e notebooks em arcos e flechas contra a invisibilidade imposta à juventude indígena. Usamos a internet para expor invasões agora, é urgente fortalecer os</p>	Consenso



	jovens indígenas que comunicam, para serem protagonistas e não silenciados	
Proposta (Andreza Rocha)	As empresas também devem se comprometer com o acesso, que vai além da infraestrutura: é preciso garantir não só a existência das redes, mas também os caminhos para que as pessoas cheguem até elas.	Consenso
Posicionamento (Lucas Samuel)	Ainda existe uma grande lacuna entre os setores. Embora haja diversas iniciativas em andamento, a falta de diálogo aprofundado e de construção de objetivos comuns dificulta a conexão e a efetividade das ações. É fundamental valorizar os contextos rurais e comunitários para garantir estratégias realmente inclusivas.	Consenso





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas no painel evidenciaram a importância de uma internet que emancipe as juventudes, dando-lhes protagonismo nas discussões sobre os rumos de suas próprias vidas e territórios. Esse olhar é essencial para a valorização, proteção e emancipação das juventudes vulnerabilizadas, incluindo indígenas, negras, rurais, LGBTQIA+, ribeirinhas e de outras comunidades tradicionais.

Foi ressaltado que o acesso à internet vai muito além da simples conectividade, representando uma dimensão fundamental para o fortalecimento das redes culturais, políticas e ancestrais desses grupos.

O acesso à conectividade e à comunicação, nesse contexto, apresenta-se como um instrumento estratégico de denúncia, organização e resistência diante das ameaças sociais, ambientais e territoriais enfrentadas pelas juventudes, sobretudo as indígenas. Além disso, destacou-se a necessidade urgente de garantir a inclusão digital plena para todas as juventudes vulnerabilizadas, não apenas como direito ao acesso à tecnologia, mas como meio para assegurar sua voz ativa, protagonismo e autonomia em suas comunidades e no cenário nacional.

Entendeu-se que a educação popular e o fortalecimento da inclusão digital são, portanto, caminhos essenciais para a construção de um futuro mais justo e inclusivo para todas as juventudes vulnerabilizadas no Brasil.





O painel reforçou ainda o papel fundamental das políticas públicas participativas que promovam o diálogo e a escuta direta dessas juventudes, possibilitando que elas exerçam sua autonomia e ampliem sua atuação em espaços de decisão.

## PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO PELO MENTIMETER - SUGESTÕES DE POLÍTICAS MULTISSECTORIAIS PARA CONECTIVIDADE SIGNIFICATIVA

Mentimeter

👉 *Quais estratégias e práticas multissetoriais podem inspirar políticas públicas de conectividade significativa para juventudes em suas diversidades?*

Pensar que algumas soluções podem não ser as mais adequadas, mesmo implementando tecnologia de ponto. É um tanto questionável trabalhar com IA generativa na educação, como no Duolingo, que (++)

(++) recentemente questionou a importância dos profissionais de tradução e educação, dizendo que eles só são necessários para "cuidar de crianças", desqualificando a educação superior necessária.

Seleção, financiamento e capacitação de iniciativas locais em todo o Brasil de ampliação do alcance e da qualidade da conexão à Internet.

Impulsionar a participação de lideranças comunitárias locais em eventos como o FIB.

Mentimeter

👉 *Quais estratégias e práticas multissetoriais podem inspirar políticas públicas de conectividade significativa para juventudes em suas diversidades?*

Ações afirmativas; Políticas de acolhimento contra micro agressões e violências institucionais

Incluir a juventude em espaços de tomada de decisão, ONDE ELAS PODEM, DE FATO, TER UM VOTO ATIVO

Penso que o agir é crucial para que os planos e projetos sejam efetivados de fato. Não podemos ficar a mercê de mercenários da educação que ganham editais e surrupiam os valores.

Projetos iniciados por egressos do Programa Youth; efetivamente ouvir juventudes (especialmente periféricas), entender as diversas situações e trabalhar regionalmente em estratégias de conectividade.

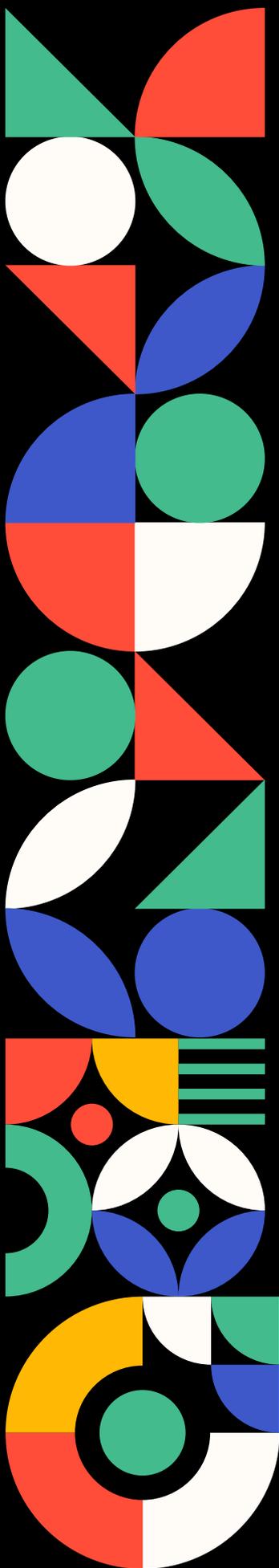
Fortalecer centros comunitários com internet e formação digital transforma esses espaços em polos de inclusão, inovação e acesso significativo para juventudes em sua diversidade.

Levantamento de dados através da escuta ativa, trabalhando com setores já existentes como saúde e educação, letramento digital, compreensão do contexto

Eventos presenciais acessíveis, com incentivo à vinda, trazidos pelo CGI e programas como o Youth e EGI. Pensar em como dialogar com esses grupos, respeitando seus hábitos. Sem tecnosolucionismo.

Letramento da juventude sobre os potenciais sociais e econômicos das TICs.





*"O acesso à internet começa pela infraestrutura, mas não pode se limitar a esse debate. Ela precisa se tornar uma ferramenta utilizada de forma resiliente pelas comunidades e jovens periféricos, permitindo que eles próprios possam gerar renda e criar soluções a partir das necessidades específicas de seus territórios" (Andreza Rocha 2025)*